“Desta Vez o Gatuno Não Passa”: relatos da campanha eleitoral das VI Eleições Gerais de Moçambique (outubro de 2019)

“This Time The Thieves Can’t Escape”: an electoral campaign story of the Mozambican 2019 general elections

Miguel Joaquim Justino Muhale

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/9761>

DOI: 10.4000/pontourbe.9761

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Miguel Joaquim Justino Muhale, « “Desta Vez o Gatuno Não Passa”: relatos da campanha eleitoral das VI Eleições Gerais de Moçambique (outubro de 2019) », *Ponto Urbe* [Online], 27 | 2020, posto online no dia 28 dezembro 2020, consultado o 30 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/9761> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.9761>

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 dezembro 2020.

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

“Desta Vez o Gatuno Não Passa”: relatos da campanha eleitoral das VI Eleições Gerais de Moçambique (outubro de 2019)

*“This Time The Thieves Can’t Escape”: an electoral campaign story of the
Mozambican 2019 general elections*

Miguel Joaquim Justino Muhale

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 01/05/2020

Aceitação / Accepted 18/10/2020

- ¹ No decurso das atividades de pesquisa relativas à minha tese de doutorado versada sobre o Funcionamento da Democracia em Moçambique, passei um período de cerca de oito meses entre junho de 2019 e fevereiro de 2020, em Maputo, capital do país. Sendo ano eleitoral, viajei de propósito nesse período de forma a acompanhar os preparativos do processo pelas autoridades eleitorais, as convenções partidárias, a pré-campanha, a campanha eleitoral, as votações, o período pós-eleitoral, e também a tomada de posse do presidente e deputados da Assembleia da República.
- ² Em outubro de 2019, Moçambique realizaria as VI eleições gerais nas quais elege-se o Presidente da República, os deputados da Assembleia da República e, pela primeira vez, os Governadores e as Assembleias provinciais; sendo que no mesmo período, no ano anterior, o país tinha ido às urnas para as eleições municipais cujos resultados foram veemente e judicialmente contestados pela oposição. As decisões judiciais a favor da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), partido no poder desde a independência do país em 1975, apesar dos flagrantes casos de fraude eleitoral¹, além

de confirmar a hegemonia² desta força na política nacional, aprofundaram o descrédito e a desconfiança no processo e na justiça, respetivamente, gerando enorme expectativa e animosidade para as eleições que se avizinhavam.

- 3 Para aumentar a tensão, típica do período eleitoral no país, o ano arranca com um facto que vai “assombrar”, e animar todo processo e/ou até decidir seus resultados. Trata-se do Recenseamento Eleitoral de 2019, que trouxe discrepâncias entre a população em idade eleitoral nas regiões de predominância da base de apoio da oposição que diminuiu drasticamente, em contraste com as regiões *strongholds* da Frelimo, que passaram a apresentar dados populacionais³ inconsistentes, inclusive com os números do Instituto Nacional de Estatística (INE), o que eleitoralmente dava logo de partida uma larga vantagem ao partido no poder.
- 4 Sendo véspera do 25 de junho, feriado que celebra a independência nacional do colonialismo português, encontrei uma cidade de Maputo colorida, com as ruas, árvores, postes de iluminação pública e monumentos ornamentados com bandeiras, faixas e também cartazes com as cores vermelha e branca, características do partido no poder, que também dirigiria as cerimónias estatais dessa festividade em todos cantos do país.
- 5 Após as festividades da independência, iniciei meus contactos com os partidos políticos, expondo meu interesse de pesquisa. Na manhã de 16 de julho, uma terça-feira, pela sempre agitada avenida de Angola, que separa os bairros Mafalala e Mikadjuine, na periferia da cidade, fui às sedes partidárias do MDM (Movimento Democrático de Moçambique) e da Frelimo, que se encontram separados por uma distância inferior a 1km. Vindo do bairro do Alto-Maé, encontro primeiro a sede do MDM, que funciona em uma vivenda de cor branca, com visíveis sinais de degradação na sua vedação. Na parte frontal, um grande painel exhibe estampado o símbolo partidário. Uma pequena banca informal de venda de frutas e recargas de telemóvel encontrava-se montada no pátio, sendo que dali, o vendedor atendia os transeuntes. Percebendo se tratar da minha primeira vez no local, o jovem vendedor, sem sair da sua banca, disse-me que o acesso à instituição deveria ser feito do lado das traseiras e não pela porta principal, que se mantinha fechada. Assim, dei a volta e dirigi-me ao compartimento situado nos fundos, onde fui atendido pela secretária que, depois de ouvir minhas intenções de pesquisa, informou que apenas o delegado, que se encontrava ausente, poderia cuidar o meu caso. Em seguida, perguntou-me desconfiada, o que me levou a escolher o MDM para a pesquisa, justificando imediatamente que sua indagação fundamentava-se na existência de *espões* na fase eleitoral.
- 6 Quando pacientemente lhe explicava a natureza do meu trabalho, enquanto exibia como prova a declaração da minha universidade, irrompeu porta-a-dentro um homem de meia-idade carregando uma caixa enquanto falava ao celular. Era o delegado. Terminada a chamada, mostrando-se com muita pressa, conversou com a secretária, que lhe explicou minhas intenções, enquanto lhe entregava a minha carta manifestando meu interesse, acompanhada da declaração da universidade.
- 7 Enquanto fazia uma breve leitura das mesmas, me ouviu e, sem tirar os olhos do escrito, explicou-me que deveria submeter tal documentação nos escritórios da bancada do partido na Assembleia da República. Vendo minha expressão de incredulidade, apressou-se a dizer que “nesta época”, só uma apreciação dos membros da bancada, poderia trazer resposta ao meu pedido. Sem mais, agradei e despedi-me, rumo ao outro edifício, ali perto.

- 8 A sede do partido Frelimo na cidade de Maputo é um edifício cinzento de três pisos recheado de gabinetes. Tem um parque de estacionamento protegido por uma vedação e uma cancela onde funciona a triagem dos visitantes. Depois da triagem, fui indicado à recepção, cuja estética do guichê confunde-se com as repartições públicas moçambicanas. Após uma breve conversa no atendimento, o homem pegou minha documentação e dirigiu-se a outro compartimento, de onde após alguns minutos regressou, instruindo-me que devia dirigir-me ao segundo andar, na Comissão de Organização e Formação de quadros, onde também fui prontamente atendido e após uma breve conversa e conferência dos meus documentos, fui dito para aguardar contacto nos próximos dias.
- 9 Continuando com a minha missão, segui para avenida Emília Daússe, bairro da Malhangalene, na sede distrital KaMpfumu da Renamo. Os escritórios da Renamo ficam em um bloco de quatro pisos de apartamentos residenciais, adaptados para trabalho. Dirigi-me ao quarto piso, onde após conferir meus documentos, a secretária (com quem já havia conversado no dia anterior), foi ao gabinete do delegado e instantes depois me convidou a lá entrar.
- 10 Delegado Bila, jovem bastante conversador, pediu-me mais detalhes sobre minhas intenções. Não que minha carta fosse pouco esclarecedora, disse ele, mas, porque preferia a oralidade, típica das suas (nossas) origens. Depois de me ouvir, sublinhou que o contexto eleitoral, colocava suspeição a qualquer aparição de estranhos, mas que, o partido Renamo, com a “clarividência de seu líder”, sempre esteve aberto a receber jornalistas e pesquisadores interessados em se inteirar sobre a vida da instituição, desde os tempos da guerra civil, até a formação do partido. Lamentou que poucos eram os jornalistas e pesquisadores moçambicanos a investigar a Renamo, dando culpa disso ao comunismo da Frelimo, que acabava perseguindo quem enveredasse por tais atividades. Referiu que houve investigadores estrangeiros que pesquisaram e publicaram obras sobre esta força e sua causa, ao que anuí e citei alguns trabalhos. Continuou, dizendo que a Renamo gosta quando a juventude se aproxima pois tem interesse em que esta saiba mais sobre o partido em vez de ouvir as mentiras da imprensa. Criticou parte da imprensa nacional que, de acordo com sua visão, distorce os factos que ocorrem dentro do partido. Citou também a propagação de mentiras e acusações infundadas, feitas pelos “inimigos do partido” nas redes sociais, com vista a ganhar “aparição momentânea”.
- 11 Sem citar a existência de *espões* como o fez a secretária do MDM, delegado Bila repisou a delicadeza do momento político para um trabalho como o meu, e falou de exemplos (que não percebi se eram hipotéticos ou factuais), de pessoas que são perseguidas e acabam na prisão por tentar estudar ou se aproximar da Renamo; o que no seu entender se deve à herança comunista instalada no funcionamento das nossas instituições manchadas de perseguições e abusos dos seus dirigentes.
- 12 Falou também dos diferentes tipos de reuniões do partido, afirmando que possivelmente não poderei assistir a todas, em função das estratégias e dos assuntos discutidos. Não por uma questão de sigilo “de facto”, mas para evitar o que chamou de distorções dos assuntos debatidos. Alertou para o cuidado com a maneira como os assuntos são retratados e discutidos na arena pública, fugindo inteiramente de como eles ocorreram dentro do partido, sugerindo que as clivagens internas, quando relatadas na comunicação social, são abordadas com um exagero, de forma a manchar o partido.

- 13 Falou de como os membros do partido não têm qualquer salário, estando ali apenas pela ideologia e pela esperança de “*ver as coisas mudarem*” em Moçambique. Associou isto também ao facto de a Renamo nunca ter usado mercenários na guerra⁴ (alusão à guerra travada entre 1976 – 1992 contra as forças da Frelimo), tendo toda sua força sido constituída por moçambicanos que apoiavam a sua causa e, por isso mesmo, a Renamo teve muito apoio dos régulos e das comunidades locais que davam de comer aos seus homens e os informavam das movimentações dos homens da Frelimo (GEFRAY, 1991).
- 14 Por fim, perguntou-me donde é que eu era, ao que lhe indiquei o meu prédio⁵ a dois quarteirões abaixo dali. Passou a referir-se aos moradores da região pelos nomes e depois me perguntou se conhecia Butcheka (famoso artista plástico e escultor local). Respondi-lhe que morávamos no mesmo prédio, e lhe falei dos seus irmãos, que são da minha geração e amigos, explicando-lhe em seguida que, se não me conhece deve ser pelo facto de morar no Brasil desde 2012. Conversamos mais um pouco sobre assuntos do bairro e, em seguida despedi-me, com o delegado Bila prometendo-me convidar a assistir alguma atividade partidária no sábado seguinte.
- 15 Os três partidos jamais autorizaram por escrito a realização da pesquisa. A anuência foi sempre verbal por alguma estrutura partidária, que na sua ausência requereu da minha parte capacidade de negociação perante as indagações dos demais, até que se familiarizassem comigo. Foi o que aconteceu na manhã do sábado seguinte, quando regressei à sede do partido Renamo no distrito KaMpfhumo, a convite do delegado Bila, para assistir a reunião de formação de Membros de Mesa de Voto (MMVs).
- 16 Devido ao elevado número de presentes, a reunião decorreu no parque de estacionamento do edifício. Homens e mulheres, sobretudo jovens, muitos jovens, compunham a audiência que, enquanto aguardava a chegada do Assessor do Presidente do partido para a cidade de Maputo, ocupava as cadeiras plásticas dispostas no local para o efeito. Enquanto isso, alguns membros circulavam com lista de presença, pedindo assinatura de todos. Apesar de ter chegado a tempo de ocupar um assento, preferi colocar-me em pé, no canto, de forma a ter melhor observação das dinâmicas do evento. Os assentos estavam posicionados em formato anfiteatro, direcionados à mesa que seria ocupada pelas “estruturas” partidárias.0000000000
- 17 A entrada dos membros que conversavam do lado exterior indicava a chegada do Assessor do Presidente. Os atrasados tomavam lugar enquanto eram distribuídos folhetos com o hino do partido que, depois das boas-vindas e apresentações de praxe⁶, os dirigentes da reunião (três homens que mais tarde vim a saber, eram delegados do partido) pediram sua entoação. Nunca tinha ouvido o hino da Renamo. A militância presente, na sua maioria, também não dominava o cântico, o que mereceu grande reprimenda por parte dos ocupantes da mesa que pediram atenção e silêncio, tendo cantado para todos em forma de demonstração. Os aplausos que se seguiram foram imediatamente abafados pela ordem de canto geral, com atenção ao folheto que estava nas nossas mãos, e assim todos cantaram:

Moçambique, pátria mãe ⁷
dos nossos antepassados
que lutaram pela pátria escravizada

em prol da justiça e liberdade

viva Renamo povo inteiro
lutando pela soberania nacional
Renamo povo Moçambicano
Renamo triunfará

O resgate dos nossos emulados,
protegendo os anseios
tradição e democracia
nosso povo ganhará

Moçambique terra rica d'África
despojada sempre foste
avante povo moçambicano
para o progresso do nosso país

- 18 Findo o hino, houve ainda espaço para outra reprimenda dos aplausos. Os delegados de mesa afirmaram que havia uma forma própria de efetuar aplausos dentro do partido e o demonstraram. O ritual envolve uma sequência de cinco tempos com variação rítmica. Outra reclamação foi sobre as ausências da militância nas reuniões do dia a dia e das atividades do partido. Um dos delegados mostrou-se espantado com a presença de “*certas pessoas que não vinham aqui desde fevereiro*”. Mais tarde, foi-me explicado por alguns jovens que a grande afluência estava inserida na aproximação das eleições, e com isso, a necessidade de formação de MMVs. que é uma atividade remunerada.
- 19 Em seguida, tomou a palavra o Assessor do Presidente do partido que introduziu sua fala com gritos de ordem “Viva a Renamo!”, “Viva o presidente Ossufo Momade!”, “Viva o povo de Moçambique!”, recebendo enérgicos “Viva” dos presentes. Endereçou efusivos cumprimentos do presidente à delegação distrital de KaMpfumo e, aclarando a voz, mudou de tonalidade passando a ler a mensagem escrita pelo presidente, cujos pontos essenciais eram:

“*Companheiros, este ano é tudo ou nada!*” Tratando-se de uma data importante para a comunidade muçulmana, disse que o presidente pedia a todos uma oração de paz e consolidação da democracia, pediu empenho da militância para a campanha eleitoral que se avizinhava; exortou maior divulgação da nova lei eleitoral entre os MMVs, delegados de candidatura e a militância no geral; deteve-se em explanações sobre os procedimentos e funções dos MMVs na data da eleição (este era o móbil da reunião); repisou que a Renamo é sempre roubada pela Frelimo, e que, o empenho e vigilância dos MMVs traria a roubalheira e enchimento de urnas no dia da

votação; enfatizou que aquele era o melhor momento⁸ na história do país, para que a Renamo assumisse a presidência; pediu grande mobilização da militância em todas esquinas do país pois, *“desta vez, o gatuno não passa!”*; A campanha eleitoral deveria ser bonita e ordeira; finalizou a leitura da mensagem alertando dos perigos e provocações que viriam dos “inimigos da democracia”, então, era importante que as caravanas não se envolvessem em pancadarias⁹ com os frelimistas provocadores (como ocorrera noutras situações). Enquanto arrumava a carta entre seus pertences, gritava as palavras de ordem: *“Desta vez, o gatuno não passa!”*; *“Viva a Renamo!”*; *“viva o presidente Ossufo Momade!”*; *“Desta vez, o gatuno não passa!”*.

- 20 Sorridente com a plateia que respondia repetindo as mesmas palavras, aplaudiu e devolveu a palavra aos delegados distritais. Estes agradeceram os cumprimentos do presidente do partido e frisaram para a militância que o momento exigia dedicação e vigilância, principalmente no dia da votação, pois era claro que o povo votaria na Renamo, portanto, cabia aos seus MMVs impedir que os frelimistas fraudassem as eleições com as habituais sabotagens ou invalidação de voto da oposição, enchimento das urnas e outros esquemas de que esse partido se tem servido para se manter no poder, desrespeitando a vontade popular.
- 21 Repisou-se a necessidade de os membros abraçarem a causa, significando que todas as mesas de votação de voto espalhadas pelo país deveriam ter um membro do partido no controle. Era importante que a população visse nas ruas uma entrega da Renamo de forma a perceber que ela quer assumir o poder e tem um sério plano de governação para o país; *“Ninguém nasceu para ficar na oposição por toda vida. Este ano é tudo ou nada, por isso, desta vez, o gatuno não passa!”*
- 22 Foi dada por encerrada a reunião e fomos convidados a sair, devendo permanecer apenas os MMVs que receberiam as instruções para fiscalização da votação. No exterior, criou-se uma dinâmica de grupos onde cada um era liderado por um delegado que explicava a missão para os próximos dias:
“Andaremos de rua em rua e de casa em casa, mercado em mercado, banca em banca, todas terças e sextas-feiras, mobilizar a população, mostrar que o país continua a afundar enquanto os ladrões da Frelimo ostentam benesses retiradas do suor do povo. Vamos ao terreno falar com o povo de igual para igual, pois o sofrimento deles é também o nosso, somos vítimas dos mesmos problemas, do mesmo inimigo. Vamos conversar para conquistar”.
- 23 As palavras acima foram proferidas pelo senhor Mambo, delegado que chefiou o grupo onde me integrei. Perguntou sobre minha origem e mostrou-se solícito quando lhe expliquei o motivo da minha presença ali. Disse-me que caí no grupo certo, que podia contar com ele para qualquer questão e, inclusive, trocamos contactos e passamos a conversar pelo *WhatsApp*, canal pelo qual marcávamos os encontros para as atividades de mobilização.
- 24 Nas semanas seguintes, dediquei-me a acompanhar no terreno os grupos de mobilização. Senhor Mambo (como era tratado) tinha predileção pelas movimentadas ruas da baixa da cidade de Maputo, passando a centrar as *mobilizações* da sua equipa aos comerciantes informais espalhados nessa região da cidade. Seis jovens (do sexo feminino), integravam a sua equipe, porém, delas, três não mantinham assiduidade nas atividades em virtude do trabalho ou outras ocupações. Joana, Crizalda e Artimiza¹⁰ mostravam seu engajamento explicando pacientemente aos potenciais eleitores em português ou changana sobre a necessidade de mudança política em Moçambique votando na Renamo.

- 25 Em algum momento, senhor Mambo intervinha para enfatizar algumas ideias ou trazer exemplos de mau uso de recursos públicos pela Frelimo. A tônica era sempre demonstrar que a desgraça e miséria na qual a população moçambicana se encontra é fruto da incompetência governativa da Frelimo. No caso dos vendedores informais da baixa da cidade, os militantes da Renamo mencionavam as inaceitáveis condições em que o comércio era praticado naquela região e questionavam qual era o destino das taxas diariamente cobradas pelo Conselho Municipal

“Afimal o dinheiro que a Frelimo vos tira todos os dias, vai para aonde? Todos dias vocês pagam aos fiscais, mas nem sequer bancas para vender condignamente não vos dão, nem sanitários públicos vocês têm aqui, como eles pensam que vocês fazem? Afimal o vosso dinheiro vai para onde?”. “Vamos acabar com tudo isso, votem na Renamo, desta vez, o gatuno não passa”.
- 26 As conversas terminavam com abraços, promessas de voto por parte dos vendedores abordados e também de mudança para uma boa governação inclusiva e democrática da Renamo.
- 27 Em uma das conversas que tivemos ao longo das *mobilizações*, senhor Mambo quis saber se eu estava filiado a algum partido. Perante a resposta negativa, disse-me que deveria considerar entrar para a Renamo, que o partido precisava de jovens com formação, que eu teria muitas possibilidades de singrar no futuro. Disse que seria muito bom que eu abrisse uma delegação da Renamo no Brasil e *mobilizasse* os moçambicanos residentes ou estudantes nesse país. Acrescentou ainda que quando finalmente eu regressasse a Moçambique, poderia ocupar um “bom cargo” dentro do partido.
- 28 Fui evasivo e, perante seu olhar perscrutador, agradeci-lhe o convite e disse-lhe que no presente não me ocorria ingressar para militância partidária. Respondeu-me que percebia minha situação, uma vez que estando a cursar o doutoramento fora do país, seria difícil acompanhar como membro a vida do partido. Por outro lado, lamentou que vários jovens concluíssem suas formações académicas e seguissem no desemprego, pois *“aqui você para ter o bom emprego precisa de ter costas quentes, tem que conhecer alguém influente nos camaradas para te indicar. É essa humilhação que a Frelimo faz nossos filhos passarem”*. Disse também haver muitos jovens com interesse de ingressar no partido, mas sentem medo de perder sua vida e empregos por causa das intimidações da Frelimo. Contou-me que sua filha migrou para Alemanha e não pretende regressar pois é difícil ter alguma porta aberta se a pessoa não tem ligação ou cartão de membro da Frelimo.
- 29 Uma das questões recorrentes ao longo das *mobilizações* era o interesse dos potenciais eleitores em saber por que o presidente do partido, Ossufo Momade, aceitou estabelecer conversações com o presidente da República e assinar o Acordo de Paz ou de cessação de hostilidades, iniciadas pelo malogrado líder da Renamo, Afonso Dhlakama. Na opinião dos abordados, o novo presidente da Renamo, assim que eleito, a primeira coisa que fez foi *“sentar e tomar chá com a Frelimo”*, o que representava uma traição ao malogrado e também aos homens que estão nas matas combatendo a Frelimo.
- 30 Percebia o desconforto dos meus interlocutores quando se lhes colocava tal questão. Nas respostas, Joana, Crizalda, Artimiza e senhor Mambo diziam que Ossufo Momade era um general e político perspicaz, que estava a se aproximar do inimigo para perceber como este pensava, *“dar-lhe a corda para se enforcar”*, que tudo era uma estratégia política para em outubro ganhar as eleições e afastar a Frelimo do poder. E quando chegasse o devido momento, os gatunos devolveriam tudo que roubaram do

povo e apodreceriam na cadeia. A resposta não parecia convincente para muitos vendedores, mas meus interlocutores pediam calma e confiança na estratégia do seu líder.

- 31 Outro pedido de esclarecimento por parte das populações estava ligado à eleição municipal da Matola, ocorrida no ano anterior. Os vendedores perguntavam: "Nós votamos e ganhamos Matola¹¹, mas vocês não fizeram nada. A Frelimo roubou e todos vimos. O que garante que se votarmos de novo e vocês ganharem agora, não vai ser a mesma coisa?" Esta questão apareceu em todo campo durante a pesquisa. O desfecho da eleição municipal de outubro de 2018 na cidade da Matola mostrou-se uma sequele que, volvido um ano, continuava indignando os eleitores que se diziam cansados da hegemonia do partido Frelimo, sua forma de administração do Estado, sua ingerência em todas esferas da vida social moçambicana traduzida na "distribuição de cargos e empregos apenas aos membros e simpatizantes dela, e a captura de todos os sectores da justiça e segurança que se traduzia em sucessivas fraudes com a conivência da polícia, dos tribunais e órgãos eleitorais" (Mabunda, 2019). Alguns vendedores, chegaram a sugerir que a Renamo também deveria servir-se das mesmas formas de "roubo das eleições" de modo a colmatar os prejuízos e viciações perpetradas pelos frelimistas.
- 32 A equipa de *mobilização* dizia concordar e partilhar de todas angústias expressas pela população, mas não enveredariam em atos fraudulentos, pois, a Renamo é um partido democrático confiante de que o povo está com ela. Diziam que era chegado o momento de cada um fazer a sua parte no dia da votação para "*retirar de forma limpa*" os opressores do povo moçambicano do poder. Frisavam que o partido aprendeu a lição e que estava a se preparar pois, agora era tudo ou nada e, que "*desta vez, o gatuno não passa!*"

BIBLIOGRAFIA

CAHEN, Michel, (2004). **Os outros: um historiador em Moçambique**. Basel: P. Schlettwein Publishing Switzerland. 1994.

GEFRAY, Christian. (1991). "A Causa das Armas." **Antropologia da Guerra Contemporânea em Moçambique**. Porto: Edições Afrontamento .

MABUNDA, Lázaro (2019). **Quando a polícia influencia os resultados eleitorais: uma leitura a partir de Gaza**. In: Seminário ELEIÇÕES GRAIS 2019 EM MOÇAMBIQUE: LIÇÕES E DESAFIOS. IESE. 22 de Novembro. Maputo

Moçambique a ferro e fogo: Vogal da comissão eleitoral da Matola denuncia fraude nas eleições autárquicas. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/mo%C3%A7ambique-a-ferro-e-fogo-vogal-da-comiss%C3%A3o-eleitoral-da-matola-denuncia-fraude-nas-elei%C3%A7%C3%B5es-aut%C3%A1rquicas/a-45883344>, 14.10.2018. Acesso em 03/03/2020

Moçambique: Frelimo vence em 44 dos 53 municípios. D.W. Maputo 15.10.2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/mo%C3%A7ambique-frelimo-vence-em-44-dos-53-munic%C3%ADpios/a-45889131>. Acesso em 03.03.2020

Moçambique: polémica em torno do número de recenseados continua em Gaza. RFI. Lisboa, 19.07.2019. Disponível em: <http://www.rfi.fr/pt/mocambique/20190719-mocambique-polemica-em-torno-do-numero-de-recenseados-continua-em-gaza> Acesso em: 03/03/2020

Pancadaria na passagem de Ossufo Momade pelo distrito de Manjacaze. Jornal O País. Maputo. Disponível em: <http://opais.sapo.mz/-pancadaria-na-passagem-de-ossufo-momade-pelo-distrito-de-manjacaze>. Acesso em 04/03/2020

Chumbado Recurso da Renamo na Matola. RFI. Lisboa 19.10.18. Disponível em: <http://www.rfi.fr/pt/mocambique/20181019-chumbado-recurso-da-renamo-na-matola> Acesso em: 05/03/2020

NOTAS

1. Membro de Mesa de Voto, acusa colegas de falsificar os resultados finais da votação a partir da alteração dos números nos editais que sintetizam a votação em cada assembleia de voto, com intuito de beneficiar o partido no poder. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/mo%C3%A7ambique-a-ferro-e-fogo-vogal-da-comiss%C3%A3o-eleitoral-da-matola-denuncia-fraude-nas-elei%C3%A7%C3%B5es-aut%C3%A1rquicas/a-45883344>. Acesso em 03/03/2020
2. O partido vem dominando a cena política nacional, quer nas presidenciais, quer nas legislativas. Nas eleições locais, a Frelimo também tem conquistado quase na totalidade dos municípios e assembleias provinciais. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/mo%C3%A7ambique-frelimo-vence-em-44-dos-53-munic%C3%ADpios/a-45889131>. Acesso em 03.03.2020
3. O Recenseamento eleitoral para as eleições gerais de 2019 foi fortemente contestado pelos partidos da oposição e pela sociedade civil, por apresentar alto crescimento populacional em zonas de influência do partido no poder. Disponível em: <http://www.rfi.fr/pt/mocambique/20190719-mocambique-polemica-em-torno-do-numero-de-recenseados-continua-em-gaza>. Acesso em: 03/03/2020
4. Sobre a atuação da Renamo na guerra de 16 anos conduzida contra o regime da Frelimo, ver CAHEN, Michel, (2004). Os outros: um historiador em Moçambique. Basel: P. Schlettwein Publishing Switzerland. 1994.
5. Embora tenha me hospedado em outro bairro durante minha estadia em Maputo, preferi indicar a minha antiga residência pois, conhecia toda vizinhança por ali
6. Uma vez que, apenas se pedia o nome e o bairro de origem, para meu alívio, minha apresentação não chamou qualquer atenção.
7. A transcrição obedece ao folheto distribuído.
8. O governo moçambicano contraíra empréstimos ilegais sem autorização do parlamento, agravando o endividamento do país perante a banca internacional, o que criou enorme descontentamento social. Disponível em: <https://www.plataformamedia.com/pt-pt/noticias/economia/mocambique-dividas-ocultas-banco-vtb-exige-8175-milhoes-de-dolares-ao-estado-mocambicano-12141977.html>. acesso 05/03/2020.
9. Infelizmente, de pouco valeram tais palavras. As escaramuças repetiram-se. Disponível em: <http://opais.sapo.mz/-pancadaria-na-passagem-de-ossufo-momade-pelo-distrito-de-manjacaze>. Acesso em 04/03/2020.
10. Alterei os nomes dos interlocutores que não ocupam cargos ou não desempenham funções permanentes na hierarquia partidária.

11. Tribunal local não aceita recurso da oposição na contestação dos resultados eleitorais na cidade da Matola. Disponível em: <http://www.rfi.fr/pt/mocambique/20181019-chumbado-recurso-da-renamo-na-matola>. Acesso em: 05/03/2020

RESUMOS

Um espectro rondava as eleições gerais moçambicanas de 2019. O espectro da derrota da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) e da consequente alternância do poder, até então inédita. De facto, a impopularidade do partido governamental e de seu candidato à reeleição, devido aos inúmeros escândalos de corrupção e principalmente ao insólito caso das denominadas “dívidas ocultas” que agravava as condições sociais e económicas; aliado à renovação política na liderança da Resistência Nacional Moçambicana (Renamo) e à expectativa de revitalização e mobilização das bases de apoio nas regiões centro e norte do país, levaram o partido oposicionista a conduzir sua campanha, convicto da vitória eleitoral.

A specter was haunting the 2019 Mozambican general elections. The specter of Frelimo's defeat and the consequent alternation of power, previously unheard of. In fact, the unpopularity of the governing party and its candidate for re-election, due to the numerous corruption scandals and mainly the unusual case of the so-called “dívidas ocultas” that had aggravated social and economic conditions; coupled with political renewal in Renamo's leadership and expectations of revitalization and mobilization of its support bases in the central and northern regions of the country, led the opposition party to conduct its campaign, certain of the electoral victory.

ÍNDICE

Keywords: mozambique, renamo, frelimo, electoral campaign

Palavras-chave: moçambique, renamo, frelimo campanha eleitoral

AUTOR

MIGUEL JOAQUIM JUSTINO MUHALE

Doutorando em Antropologia Social na Universidade de São Paulo

E-mail: dlcmuhale@gmail.com

ORCID : <https://orcid.org/0000-0002-7957-4888>